

Um Velho na chuva | Raul Maschieto

Rua da Consolação, por volta das seis da tarde. Antônio andava olhando ora para a calçada diante de si, ora para a rua a seu lado. Nuvens dos escapamentos e dos cigarros dos pedestres geravam uma atmosfera que deixava seus olhos ardendo. Caminhava para encontrar um velho amigo, numa cafeteria.

Ao contrário do amigo, acadêmico de carreira, e que carreira!, Antônio vivera pulando de um emprego em algum órgão público para outro, a fim de se manter, isto é, pagar seu aluguel, em bairros muito piores do que aquele em cujas ruas caminhava em direção à cafeteria, e três refeições por dia.

Como acabara na cidade de São Paulo também era um mistério do acaso. Um rearranjo no escritório em que trabalhava levava à transferência de vários dos funcionários para a capital do estado, incluindo Antônio, que nunca tinha passado mais de uma semana na cidade. A verdade é que ele não gostava dela, mas já estava devidamente instalado em um apartamento decente e recebia sua aposentadoria, suficiente para acomodá-lo. O hábito acabou por vencê-lo.

A luz das luminárias saía do interior do estabelecimento e iluminava a sua fachada. Um lugar agradável, pensou Antônio assim que entrou, as mesas de madeira envernizada, aquela aura amarelada e um grande balcão de tampo escuro davam ao lugar um quê de clássico, e de soturno.

Olhou ao redor para ver se o amigo já havia chegado. Não havia. Foi até uma mesa nos fundos, encostada na parede, e sentou-se.

Cabeça baixa, Antônio fitava a mesa. Por volta de dez minutos haviam se passado, quando ele ouviu alguém se dirigir a ele de perto:

— Com licença — era uma jovem de boa aparência, sofisticada, provavelmente universitária local —, você é Antônio Virgílio, o poeta?

— Já fui — respondeu Antônio, levantando somente os olhos por alguns instantes.

— Como assim? — perguntou ela, com um sorriso algo patético.

— Não sou mais poeta.

Ela olhou-o com dúvida. Devia tomar o que ele falou por piada, requintes de um grande intelectual? Sem saber ao certo, acenou com a cabeça e, mantendo o sorriso forçado nos lábios, voltou à sua mesa, próxima à porta.

A verdade era que a afirmação de Antônio não tinha nada de enigmático, nenhuma metáfora elevada. Era só a aceitação por parte de um velho resignado, desacreditado e, acima de tudo, desiludido, da sua condição: deixara o mundo dos versos.

Mais minutos. O amigo chegou. Vinha trajando um paletó castanho escuro, combinando com as calças e com a pasta de couro da mesma tonalidade.

— Bom te ver, meu velho! — disse ele enquanto acomodava-se na cadeira de frente para o amigo, que o respondia com um sorriso de canto de boca.

Tinha por volta da mesma idade de Antônio. Mas, ao contrário deste, era de porte robusto e caminhava com postura, desfrutando do prazer de ser quem era. Quando colocou sua pasta na cadeira vazia ao lado, uma pequena placa dourada com seu nome gravado reluziu à luz amarela. Prof. José Herman Hildebrand.

— Então, como vão as coisas? — continuou e, logo em seguida pediu um café coado.

— Nada de novo sob o sol, meu amigo.

Hildebrand riu com gosto. O caráter constantemente melancólico do amigo, desde os tempos de faculdade, era-lhe cômico. Quando se conheceram, Antônio era um poeta obscuro e cético, Hildebrand, um aspirante à docência, de visões extremistas. Os ponteiros avançaram, o poeta obscuro foi publicado e o aspirante à docência tornou-se acadêmico e integralista.

— Me conte como vai a vida de aposentado na cidade grande — tentou novamente o acadêmico, visando extrair mais do que noções bíblicas do outro.

— Tenho passado os dias lendo e vagando, mentalmente, fisicamente, dá no mesmo — disse Antônio como que dando de ombros e levantando as sobrancelhas.

— Não tem escrito mais mesmo?

— Não... — suspirou.

Hildebrand levantou a xícara e soprou o vapor que se levantava, em um gesto mínimo e poderoso. Olhou com dúvida para Antônio e inquiriu:

— Me explique como isso é possível? — fez uma pausa e sorveu um gole da xícara vagarosamente — Como é possível um poeta parar de compor versos?

Duas vezes no mesmo dia, pior, na mesma hora, aquela lembrança dos versos. Era demais para Antônio. Começou a sentir uma dor de cabeça difusa. Por quê? O que ele poderia responder? “Ora, meu amigo, a fonte secou”? Não havia resposta certa para aquilo. Ele acabou dando de ombros e levando a mão à testa sem dizer nada.

A conversa foi e voltou, afinal, lá estavam eles, dois sexagenários, um acadêmico ex-integralista e um ex-poeta acabado. Mas aquela pergunta não deixou a cabeça de Antônio por nenhum momento. Vinda do amigo, um homem confiante, devido a sua enorme vocação para colocar um ideal como norte de sua existência, pensava Antônio, ela possuía um peso que o “como assim?” da jovem admiradora jamais poderia ter.

Despediram-se à porta do café. Hildebrand falando em repetir o encontro o mais cedo possível e o outro acenando afirmativa e timidamente. Antônio seguiu a pé. Andara uns poucos metros e, claro, começou a chover. Era isso. Um velho, ex-poeta, com uma terrível dor de cabeça, andando pela metrópole na chuva. Que imagem!, pensou ele. Imagens, não poderia passar sem elas. Estava condenado a elas.